

“Recolhe minhas lágrimas em teu odre!” (Sl 56,9). Chorar os mortos e consolar os enlutados na Bíblia¹

Rivaldave Paz Torquato²

Resumo: O presente texto aborda o chorar os mortos, o luto e o consolo na Bíblia numa perspectiva de espiritualidade-pastoral no contexto de pandemia. A reflexão se constitui de duas partes. Na primeira, apresenta-se os termos básicos do *choro* e os vários tipos, focalizando aquele causado pela morte seguido de exemplos de choro e luto na Bíblia. Na segunda, focaliza-se o *consolo* como atitude frente ao enlutado ou sofredor, bem como os agentes da consolação a partir da Escritura.

Palavras-chave: Choro. Lágrimas. Luto. Mortos. Consolo

Abstract: This text deals with the mourning of the dead, mourning and consoling in the Bible from a spiritual-pastoral perspective in the context of a pandemic. The reflection is in two parts. In the first, the basic terms of weeping and the various types are presented, focusing on that caused by death followed by examples of weeping and mourning in the Bible. In the second, the focus is on consolation as an attitude towards the bereaved or suffering, as well as the agents of consolation from Scripture.

Keywords: Crying. Tears. Mourning. Dead. Consolation

INTRODUÇÃO

“Ó Deus...

*Já contaste os meus passos de errante,
recolhe minhas lágrimas em teu odre!” (Sl 56,8b.9)*

Quando a pessoa, a família ou a nação é ferida pela catástrofe ou pelo luto e tem no peito um sofrimento atroz, que mesmo a tecnologia e a riqueza não bastam para resolver, o que fazer? Como reagir frente ao enlutado ou à vítima de qualquer catástrofe que está sofrendo?

1 Texto da fala do autor no “Ciclo de palestras A dor, a morte e o luto no contexto da pandemia. Uma iluminação a partir da fé cristã”, realizada no dia 16/11/2020, organizado pela FAJE em parceria com as redes Servir e Diaconia, da Província dos Jesuítas do Brasil, que teve como título “Chorar nossos mortos. O lugar do choro na Bíblia”, disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=twKXL2aqzc4>

2 Frade carmelita, mestre em Ciências Bíblicas pelo *Pontifício Instituto Bíblico* de Roma (PIB), doutor em Sagrada Escritura pela *Westfälische Wilhelms-Universität* de Münster – Alemanha, Pós-Doc. pela *Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia* (FAJE) de Belo Horizonte e professor da mesma.

A chegada repentina da Covid-19 trouxe consigo uma quantia exagerada de mortes e conseqüentemente fez emergir com grande força o fenômeno do choro e do luto. Em grande parte dos casos, razões (sobretudo) sanitárias “abafa(ra)m” o choro e deixa(ra)m o luto mal feito ou não feito. Por força das circunstâncias, as pessoas que perderam seus entes queridos tiveram esta possibilidade negada. Outros ainda reprimem o choro por vergonha ou para não demonstrar fraqueza ou mesmo não conseguem chorar. Por outro lado, o luto não seria uma falta de confiança em Deus? É legítimo chorar os mortos? Temos este direito? Para um cristão, o luto e o choro não seria uma expressão de falta de fé na ressurreição?

Estas inquietudes apontam para dramas existenciais para os quais não existem fórmulas mágicas. Todavia, isso não é motivo para a resignação. Antes, é ocasião que nos desafia a perscrutar sinais de luz que possam nos ajudar a reagir de frente erguida a tais dramas. Nesta perspectiva, em que a Bíblia pode nos ajudar?

A seguir abordaremos duas inquietações básicas desde a perspectiva bíblica. A primeira diz respeito ao choro e ao luto diante da realidade da morte. O segundo refere-se ao modo de reagir frente ao enlutado ou sofredor. Elencaremos uma série de textos não de forma exegetica, mas espiritual-pastoral.

1 O CHORO E O LUTO NA BÍBLIA

O *choro* é um fenômeno físico-biológico. O corpo e, mais exatamente, os olhos derramam lágrimas. Mas chorar é também o externalizar de emoções, de estados da alma, dos sentimentos, portanto, algo psicológico. É ainda um fenômeno humano e universal e, portanto, é um dado antropológico: é um fato que o ser humano chora. Seria também teológico? Na Bíblia aparece esta realidade tão humana? Como? A seguir apresentaremos brevemente os termos básicos do choro e de luto na Bíblia e depois os casos bíblicos concretos.

1.1 O CHORO E LÁGRIMAS: *BĀKĀH* E *DĀMA'*

A Bíblia registra o choro da criança. O recém-nascido Moisés *chora* (*bākāh*) (Ex 2,6) e mesmo um rei começa a vida chorando (Sb 7,3.5). Chorar é o primeiro ato humano ao nascer. É sua forma primária de comunicação. *Chorar* pode exprimir diversos estados emocionais. Pode exprimir: *murmuração* (cf. Nm 11,4.10.13.18.20); *fingimento* (Jz 14,16-17; Jr 41,6; Sir 12,16); *alegria* por um reencontro (Gn 29,11; 33,4; 46,29;³ Tb 7,6-8; 11,9.13-14); lamento coletivo numa assembleia (litúrgica), isto é, o choro cultural, um ingrediente da *oração* da

3 O choro de José ocorre também em Gn 42,24; 43,30; 45,2; 50,17. O contexto destas ocorrências não deixa claro se o choro é expressão do conflito familiar ainda não resolvido ou da alegria por ver os irmãos novamente ou mesmo ambas as coisas.

comunidade;⁴ *dor* ou *sofrimento* de qualquer espécie.⁵ Todavia, uma dor que habitualmente se transborda no choro e está especialmente presente na Bíblia é aquela causada pela morte dos entes queridos. *Chora-se* muitas coisas, *chora-se* particularmente os mortos.⁶ É sugestivo o nome do lugar onde Débora foi sepultada, pois envolve esta realidade: “sob o carvalho que se chama Carvalho-dos-Prantos [= da raiz *bākāh*]” (Gn 35,8) (HAMP, 1973, p. 646-651).

Derramar *lágrimas* (*dāma*) é outro ingrediente do choro. Pode ser causada por um sacrifício não aceito por Deus (Ml 2,13), pela ruína (Lm 1,2; 2,11.18), a opressão (Ecl 4,1), a desgraça (Jr 9,17; 13,17; 14,17; 31,16; Is 16,9), a miséria ou sofrimento (Sl 6,7; 42,4; 80,6; 116,8; 126,5). Mas podem também exprimir a prece (Sl 39,13; 56,9). Estas duas raízes hebraicas acentuam aspectos do choro. A primeira, *bākāh*, focaliza mais o aspecto auditivo ou sonoro, a voz, enquanto a segunda, *dāma*, o aspecto visível, as lágrimas. Segundo V. Hamp:

Entre hkb [*bākāh*] e [md [*dāma*]] existe uma relação parecida à que encontramos entre os verbos gregos *klaíw* [*klaíō*] e *dakrúw* [*dakruō*] ou entre os latinos *fleo* e *lacrimo*: enquanto o primeiro faz referência à boca e a voz, o segundo se refere aos olhos (HAMP, 1973, p. 647, tradução nossa).

As duas raízes (*bākāh* e *dāma*) aparecem algumas vezes juntas (Is 16,9; 13,17; 31,16; Ml 2,13; Sl 126,5-6; Lm 1,2.16), também em contexto de luto (Jr 8,23; Ez 24,16).

O choro e as lágrimas, portanto, provém das mais variadas razões, da alegria à tristeza, do júbilo ao luto. Em função do momento pandêmico, nosso texto se concentrará no choro e nas lágrimas causadas pela morte.

1.2 O CHORO NO RITUAL DE LUTO: SĀPAD E ʾĀBAL

Em se tratando do choro pelos mortos, um ritual de luto por alguém que partiu desta vida, duas outras raízes (hebraicas) são de grande importância, a saber:

a) *sāpad* = *bater* (no peito em sinal de luto), *lamentar*, *prantear*, *chorar em alta voz*. Desta raiz tem-se o substantivo *mispēd* = *exéquias*, *pranto*, *rito fúnebre*, *lamentação*. Segundo J. Scharbert, a raiz denota em primeiro lugar o lamento fúnebre ritual, depois por extensão também os gestos e o grito de luto em outras situações críticas ou dolorosas. Normalmente trata-se de manifestações de dor profunda. Mas a raiz pode simplesmente indicar o fato de

4 Cf. Nm 25,6; Dt 1,45; Jz 2,4-5; 20,23.26; 21,2; II Rs 20,3; 22,19; Esd 10,1; Ne 1,4; I Mc 7,36; II Mc 11,6; 13,12; Br 1,5; Os 12,5; Zc 7,3; Ml 2,13. Inclui-se aqui o pranto penitencial (cf. Jl 2,12-13).

5 Uma ofensa (I Sm 1,10), uma desventura sofrida ou prevista, risco que circunda (I Sm 30,4; II Sm 15,23.30; II Rs 8,11-12; Esd 3,12; Is 15,2.3.5; 22,4; 33,7; Jr 9,9; 13,17; 14,17; 31,15; 48,5.32 // Is 16,9; Br 1,5; Mq 1,10; Lm 1,16; Sl 137,1), uma despedida (Rt 1,9.14; Tb 5,18 [23]; 6,1; Jr 31,16; Br 4,11.23), preocupação (Tb 7,16; Est 8,3), pena (Jó 2,12; 30,25), angústia (Jó 16,16), ouvir a Lei (Ne 8,9) ou menosprezá-la (Sl 119,136), o medo da morte (II Rs 20,3 // Is 38,3).

6 Cf. Gn 23,2; 35,8; 37,34-35; 50,1.3; Nm 20,29; Dt 34,8; II Sm 13,36; 19,2; Jr 8,23; Jó 27,15.

ficar ou estar de luto (2Sm 11,26). O verbo e substantivo são usados na maioria dos casos para indicar a celebração fúnebre organizada para o defunto, logo após a morte e antes da sepultura. Era associado a este rito: o choro (2Sm 1,12; Is 22,12; Jl 2,12; Ez 24,16.23), jejum (2Sm 1,12; Jl 2,12; Zc 7,5), rasgar as vestes (2Sm 1,11; 3,31; Est 4,1), cingir/vestir-se de saco (2Sm 3,31; Est 4,1; Is 22,12; Jr 4,8), raspar a cabeça (Is 22,12), uivar ou gemer (Jr 4,8; 49,3; Mq 1,8), gritar (Jr 49,3) entoar canto fúnebre (Ez 27,32) (SCHARBERT, 2006, p. 248-9).⁷

b) *ābal* = *chorar* (um morto), *cobrir-se de luto*, *lamentar*, *observar ritos fúnebres*.⁸ Algumas práticas devem ser observadas quando alguém morre. As principais seriam vestir-se de saco (Jr 6,36; Am 8,10), jejum (Esd 10,6; Ne 1,4; Est 4,3), raspar a cabeça (Am 8,10), cobrir-se com pó e cinza (Est 4,3), sentar-se no solo (Is 3,26), cortar a barba e o cabelo. São práticas externas que exprimem um dor interna (cf. 1Mc 3,46-48; 4,39-40.). Ora, *ābal* designa este conjunto de práticas (BAUMANN, 1973, p. 47). Todavia, *ābal* se pratica também na esperança de reversão da situação. O exemplo clássico é aquele de Davi (2Sm 12,15-23; cf. ainda Sl 35,13-14; Esd 10,6; Ne 1,4; Est 4,3). Convém lembrar que existe ainda o luto fingido (cf. 2Sm 14,2).

Quanto à duração, o luto bíblico é variável. Pode ser sete (Gn 50,10; Sir 22,12), trinta (Nm 20,29; Dt 34,8) ou (muitos) dias (Gn 37,34; 2Sm 13,37; 14,2; 1Cr 7,22; 1Mc 9,20; 13,26.). Sirácida fala também em um ou dois dias (Sir 38,17). Em algumas ocorrências, o luto entra na esfera do *fazer* (Gn 50,10; Jr 6,26; Ez 24,17) (BAUMANN, 1973, p. 47-48).

Em Gn 50,10, o narrador diz: “Chegando a Goren-Atad..., *prantearam* (*sāpad*) aí uma grande e solene lamentação (*mispēd*) e [José] fez por seu pai um *luto* (*ābal*) de sete dias”. Este verso deixa perceber que as duas raízes são aparentadas, mas não são precisamente sinônimas. Outras vezes elas estão em paralelo (Jr 6,36; Am 5,16; Mq 1,8).

Após este percurso semântico com estes termos básicos, vejamos alguns exemplos bíblicos concretos do chorar os mortos.

1.3 CHORAR OS MORTOS

Jeremias lembra-nos uma verdade que extrapola Israel quando diz: “*Grandes e pequenos morrerão nesta terra...*” (Jr 16,6a).⁹ E entre as piores desgraças anunciadas pelos profetas

7 Uma síntese destes elementos se encontram no lamento pela ruína de Tiro em Ez 27,30-32.

8 Também a província de Judá pode estar de luto, lamentar (Jr 14,2) ou a terra (Is 24,4; 33,9; Jr 4,28; 12,4; 23,10; Os 4,3; Jl 1,10), os muros da cidade (Lm 2,8), suas portas (Is 3,26) etc. Estas ocorrências mostram que a natureza, de certa forma, também fica de luto e pode ser sinal de juízo anunciado ou realizado. Realidade bastante atual.

9 Qohelet continua: “*morre o sábio e também o insensato*” (Ecle 2,16), “*o justo e o ímpio, o bom e o mau, o puro e o impuro, quem sacrifica e quem não sacrifica, o bom e o pecador, quem jura e quem evita juramento, todos têm o mesmo destino*” (Ecle 9,2) “*tudo vem do pó e volta ao pó*” (Ecle 3,20).

estão ao morrer: ficar sem sepultura, não ter luto ou não ser pranteado.¹⁰ A prática habitual pode ser constatada nos casos que seguem abaixo.¹¹

Por ocasião da morte da matriarca Sara o hagiógrafo registra: “*Abraão veio cumprir o luto por Sara e chorá-la*” (Gn 23,2). O patriarca Jacó crê na notícia da morte do filho José (Gn 37,31-35) e outra vez o hagiógrafo não deixa escapar um detalhe: “*e seu pai o chorou*” (v. 35b). Mais tarde, morre Jacó (Gn 49,33), José chora sua morte (Gn 50,1). Da mesma forma ocorre na morte do irmão de Moisés: “*Toda a comunidade viu que Aarão havia expirado e toda a casa de Israel chorou Aarão durante trinta dias*” (Nm 20,29). Na morte do grande líder, outra vez o hagiógrafo nota: “*Os israelitas choraram Moisés nas estepes de Moab durante trinta dias, até o término do pranto em luto por Moisés*” (Dt 34,8). Quando morre Samuel, “*todo o Israel se reuniu e guardou luto*” (1Sm 25,1; cf. 28,3). Chora-se a morte de Saul e seu filho Jonatas (2Sm 1,12). Nesta ocasião Davi compôs uma elegia fúnebre (vv. 17-27). O rei e o povo choram e lamentam a morte de Abner (2Sm 3,30-34). Em 2Sm 13,36-37 os filhos do rei choram a morte de Amnon e o rei guarda luto (*’abal*) por seu filho. Davi chora a morte do filho Absalão (2Sm 19,1-3a). Um profeta pranteia e sepulta um homem de Deus (1Rs 13,29-30). Todo Israel pranteia a morte do príncipe Abias, filho do rei Jeroboão (1Rs 14,18). Todo o Judá e Jerusalém pranteiam a morte do rei Josias (2Cr 35,24-25). Matatias, pai de Judas Macabeu, morreu e foi sepultado e Israel inteiro o pranteou (1Mc 2,70). Os irmãos choram a morte de Judas Macabeu e todo Israel a lamenta e guarda luto (1Mc 9,19-21). Jônatas é sepultado e “*todo Israel o pranteou intensamente, guardando luto por ele durante muitos dias*” (1Mc 13,26). Raquel chora seus filhos (Jr 31,15; Mt 2,18). Jeremias conclui o lamento: “*Ah, se a minha cabeça fosse uma fonte de água e os meus olhos um manancial de lágrimas! Eu choraria noite e dia pelos mortos do meu povo*” (Jr 8,23). O profeta vincula o lamento e o choro como parte do luto, do acompanhar os mortos (Jr 16,4.7; 25,33). Jerusalém, a capital da nação, é comparada a uma viúva enlutada, chorando sozinha a dor atroz causada pelo cenário de morte e ruína deixado pela invasão babilônica: “*Ai! Senta-se solitária, a cidade populosa tornou-se como viúva... Chora (bākāh) amargamente de noite e suas lágrimas (dāma’) por sua face...*” (Lm 1,1a.2a; ainda 1,16; 2,11.18; 3,48-51). O hagiógrafo acrescenta: “*Os caminhos de Sião estão de luto (’abal)*” (Lm 1,4a). Era o começo do exílio. Mais tarde, já no limiar do NT, a sapiência aconselha:

Filho, por um morto derrama tuas lágrimas (*dāma’*), entoa um lamento fúnebre para mostrar a tua dor, depois enterra o cadáver segundo o cerimonial e não deixes de honrar a sua sepultura. Chora amargamente, bate no peito (*mispēd*), observa o luto (*’abal*) segundo merece o morto, um ou dois dias, por causa da maledicência do povo, depois consola-te (*niham*) de tua tristeza” (Sir 38,16-17).

10 Cf. p. ex.: Is 14,19; Jr 7,33; 8,1-3; 16,4-7; 22,10; Ez 24,17.22-23. Também não eram pranteados vítimas da espada (Sl 78,64) ou da peste (Jó 27,15).

11 Retomaremos aqui nosso texto: “*O choro pode durar uma noite...!*” (Sl 30,6). Temos o direito de chorar nossos mortos?”

No NT os casos continuam. Na morte da filha de Jairo, muitos choram (Mc 5,38-39; Lc 8,52). Maria chora a morte do irmão Lázaro (Jo 11,33). A viúva de Naim chora o seu filho a caminho da sepultura (Lc 7,13). Chora-se a morte de Tabita (At 9,39). Madalena chora Jesus (Jo 20,11.13.15) e seus amigos também o choram (Mc 16,10). Estas ocorrências encontram seu auge, sem dúvida, na postura de Jesus por ocasião da morte de Lázaro: “*Quando Jesus a viu chorar e também os judeus que a acompanhavam, comoveu-se interiormente e ficou conturbado. (...) E Jesus chorou*” (Jo 11,33.35).

Estes exemplos apresentados mostram que chorar os mortos na Bíblia é, portanto, um fato e não raro ganha proporções locais e nacionais. Neste caso, o choro expressa a comoção da nação. O sofrimento, a dor pode ser uma ocasião que aproxima o ser humano de Deus. Para muitos, porém, é apenas uma ocasião de rebelião, de revolta contra ele. O choro e a possibilidade de lamentar, no entanto, conservam o vínculo com aquele que, quando fere (para quem pensa que ele fere) cura a ferida (Dt 32,39; Jó 5,18; Sl 147,3; Os 6,1; Sir 16,10 [11]).

Nas palavras de Qohelet: “*Há tempo de chorar e tempo de rir; tempo de gemer e tempo de bailar*” (Ecl 3,4).¹² Quando morrem nossos entes queridos entramos na estação do choro. Chorar é um direito humano, se não estiver na Constituição do país, está na constituição humana, isto é, é constitutivo do ser humano, está inscrito na nossa natureza. Assim, se a dor chegar e persistir não tenha receio de deixar verter as suas lágrimas, não as reprima.

Chorar os mortos é, portanto, um componente da cultura humana, abarca o espaço e o tempo, é bíblico. O *chorar*, como expressão do luto, como forma de trabalhar a perda dos queridos e aliviar a dor, como parte do “ritual das Exéquias”,¹³ é direito humano. O choro é catártico, vem do âmago, tem força curativa, é parte dos ritos de separação e de entrega dos nossos queridos que partem. Precisamos disso. Não é por acaso que Jesus define os que choram como “*Bem-aventurados*” (Mt 5,4).

Ora, aqui emerge outra inquietação. Como reagir frente ao enlutado ou à vítima de qualquer catástrofe que está sofrendo? A Bíblia não ignorou esta inquietação. Ela já estava presente no israelita bíblico como veremos a seguir.

2 COMO REAGIR DIANTE DO ENLUTADO? O CONSOLO

A morte faz parte da vida. Mas não fomos educados para isso. Nossa educação tem aí uma lacuna, a morte nos é estranha até a hora que ela chega. Irrompe a dor e o choro. Então

12 Qohelet não conhece ainda a vida futura ou pelo menos não a verbaliza. Para ele a morte é o fim de todo homem, mas ela faz o vivo refletir (Ecl 7,2) e por isso: “*o coração dos sábios está na casa em luto, o coração dos insensatos está na casa em festa*” (v. 4). Mesmo no nível meramente humano, é sensato e bom aquele que se faz solidário na morte e no luto alheio.

13 Por “ritual de Exéquias” aqui não entendemos estritamente o momento cultual que um ministro litúrgico realiza antes ou durante o sepultamento, a cerimônia religiosa em si, mas sim tudo aquilo que vive o enlutado por ocasião da morte de seu ente querido.

emerge logo em nós a pergunta: “como confortar e o que dizer nestas horas?”. Não há receitas. Mas seria uma questão de receitas ou de fórmulas?

2.1 ALGUÉM QUE CONSOLE

Voltando ao caso de Jerusalém, a viúva enlutada do Livro das Lamentações, o poeta constata um agravante: “*Não há quem a console (mənahēm)*” (Lm 1,2.9.17). Ela própria lamenta: “*dista de mim alguém [ou não há ninguém perto] que me console*” (1,16) e insiste: “*ouviram como eu gemo, sem ninguém que me console*” (1,21). Não ter quem console torna o sofrimento ainda mais atroz.¹⁴ O poeta deixa clara a necessidade de alguém que console, conforte, fortaleça.

De fato, a Bíblia não deixa escapar um detalhe de grande relevância. Jacó, ao acreditar na suposta morte de seu filho José (Gn 37,31-33), “*rasgou suas vestes, cingiu os seus rins com um pano de saco e fez luto por seu filho durante muito tempo. Todos os seus filhos e filhas vieram para consolá-lo*” (vv. 34-35a). Quando morre Jacó, os egípcios fazem o lamento e o luto com José (Gn 50,9-11). Quando Efraim chora a morte do filho, “*seus irmãos vieram consolá-lo (niḥam)*” (I Cr 7,22). O primeiro filho de Betsabeia com Davi caiu gravemente enfermo. Davi suplica a Deus a favor do menino com jejum e choro, tentando atrair a piedade divina que mudaria a sorte do garoto (2Sm 12,15-23). Mas o menino morre e o rei suspende então sua reza. Em seguida: “*Davi consolou (niḥam) Betsabéia, sua mulher*” (2Sm 12,24a). Embora não fosse contexto de morte, não se pode esquecer o caso de Jó: “*Os três amigos de Jó (...) ao inteirar-se da desgraça que havia sofrido, partiram de sua terra e reuniram-se para ir compartilhar sua dor e consolá-lo (niḥam)*” (Jó 2,11). No NT, quando Lázaro morre, deixando enlutadas as suas irmãs, os vizinhos as consolam (Jo 11,19.31).

Estes exemplos mostram que os sofredores não são deixados a sós em sua dor. Portanto, chorar seu ente querido falecido é um direito que o enlutado não precisa e nem deve exercer sozinho. O profeta Isaías dedica uma grande parte de sua obra à “Pastoral do Consolo” no assim chamado Livro da Consolação (Is 40-55). O profeta abre o bloco com um imperativo divino: “*consolai (niḥam), consolai (niḥam) o meu povo*” (Is 40,1). Deste modo, o profeta transforma o consolo numa ordem de Deus. Mas o que é consolar e quem consola?

2.2 O CONSOLO E OS AGENTES DA CONSOLAÇÃO

Sem a pretensão de apresentar aqui a teologia da consolação, mas apenas oferecer uma ideia elementar, o consolar vai deste o compartilhar a dor até a reversão plena da sorte do

¹⁴ Não só no âmbito da morte: “*Observo ainda as opressões todas que se cometem debaixo do sol: aí estão as lágrimas dos oprimidos, e não há quem os console (mənahēm); a força do lado dos opressores, e não há quem os console (mənahēm)*” (Ecle 4,1). O consolo neste caso pressupõe a erradicação das causas da opressão, das injustiças, e não raro implica em políticas públicas que vão ao encontro dos fracos.

sofredor. A meta deve incluir necessariamente a erradicação da desolação, do infortúnio que faz sofrer. Partindo dos paralelos da raiz hebraica *nĥm*, consolar implica: prestar ajuda, o socorro (Sl 86,17); escutar as palavras do sofredor (Jó 21,2) ou dizer-lhe palavras suaves (Jó 15,11), boas (Zc 1,13), que vão ao coração (Rt 2,13); compadecer-se (Is 49,13), aliviar o sofrimento (Jó 7,13), alegrar (Jr 31,13); redimir (Is 52,9), libertar do inimigo (Jz 2,18), conduzir (Is 57,18), saciar (Is 66,11); favorecer a recuperação do equilíbrio emocional ou restauração da paz interior.¹⁵ Quando a tempestade dá lugar à bonança que permite retomar o ritmo da vida. Em Zc 1,17 a consolação está vinculada à abundância de bens. Reverter as ruínas de Sião em jardim (Is 51,3), isto é, restabelecer a ordem social e política, etc. Fazer justiça ou julgar (Dt 32,36; Sl 135,14). Entra-se já no nível coletivo. Obviamente que a reversão *plena* da sorte extrapola o nível do consolo meramente humano. E quem são os sujeitos da consolação?

2.2.1 OS QUE SE FAZEM PRÓXIMOS (SOCIAL)

O caso de Jó, embora não sendo um caso de luto, mas de sofrimento atroz, pode ser iluminador.¹⁶ Os três amigos, diz o texto, “sentaram-se no chão ao lado dele, sete dias e sete noites, *sem dizer-lhe uma palavra*, vendo como era atroz seu sofrimento” (Jó 2,13). Não dizem nada, simplesmente sentam junto. Compadecem-se, isto é, padecem com ele. Não dizem nada, mas estão lá. E esta é uma atitude correta. Não é uma questão necessariamente de palavras, mas de gesto, sofrer com quem sofre. “*Sete dias e sete noites*”. Não é só o número “sete”, mas também “dias e noites” é uma linguagem merismática para falar do tempo necessário. Para quem tempo é dinheiro, fazer luto ou chorar a morte de alguém ou com alguém não dá lucro, não rende, não dá ibope. Achamos que o tempo foge. Na verdade, nós fugimos da vida nos fazendo escravos do tempo, ele nos possui. No frenesi da vida, não bater o cartão ou marcar o ponto, mas estar com o enlutado, padecer com ele, é descobrir a gratuidade do tempo, transformá-lo em dom ou presente. Aliás um grande presente por sinal, porque não é dar algo, mas a si próprio. Deus eterno, em Jesus, se deu tempo e encontrou tempo para compadecer-se de nós, padecer conosco e nos consolar.

Os mesmos amigos vão mudar de atitude mais tarde nos diálogos com Jó. Mostram a atitude que não se pode adotar no diálogo com o sofredor como bem acusa Jó: “*Já ouvi mil discursos semelhantes, sois todos consoladores (niĥam) importunos. Não há limite para discursos vazios?*” (Jó 16,2-3a). E continua Jó: “*Que significam, pois, vossas vãs consolações (niĥam)? Se nas vossas respostas não há mais que perfídia!*” (21,34). Seria sábio o silêncio: “*Vós não sois senão embusteiros, todos vós meros charlatães. Quem, portanto, vos imporá silêncio, a única sabedoria que vos convém!*” (13,4-5). Este comportamento acusado aqui é, na verdade, um desconsolo, um desserviço! Se não se sabe o que dizer é melhor ficar calado. Silêncio é a única sabedoria que convém. Todavia, esteja calado, mas esteja lá. E esteja lá sabendo que a morte

15 Em II Sm 13,39 o verbo *consolar (niĥam)* aparece em paralelo a *cessar de se enfurecer*. Quando Deus cessa sua ira, tem-se consolo (Is 12,1).

16 Veja neste número de Annales o texto de Jaldemir VITÓRIO, “Jó e a experiência do sofrimento”.

não é o fim. Também é sugestivo, na ausência de palavras, recorrer à linguagem simbólica. Gestos e símbolos falam e falam muito.

É também importante, deixar o enlutado chorar. É um direito dele. A *voz do pranto* (Sl 6,9; Gn 21,16-17) e as *lágrimas* (2Rs 20,5 // Is 38,5) são preces não verbalizadas que Deus habitualmente ouve e vê. Elas falam por si (cf. Lc 7,13-15). Nas palavras do salmista: “*Deus recolhe nossas lágrimas em seu odre*” (Sl 56,9).

Jesus, mais que *estar junto* ou *chorar com* (Jo 11,35), a sua comoção o move a reverter o quadro, despertando Lázaro (Jo 11,43-44) e, cheio de compaixão, desperta o filho da viúva de Naim (Lc 7,13-15) ou a filha de Jairo (Mc 5,41-42).¹⁷ Estes fatos revelam um Jesus que, de fato, veio “*para iluminar os que jazem nas trevas e na sombra da morte*” (Lc 1,79). Sua postura nos ensina assim a romper com a indiferença frente à dor alheia, pois ela fere mais que a morte. Se o enlutado tem direito de viver seu luto e chorar seus mortos, toca aos demais o dever, que emerge do espírito de solidariedade, da compaixão, se fazer próximo e não deixá-lo só na sua dor. Tratá-lo também de forma personalizada, porque as pessoas não se repetem, nem reagem igualmente.

Paulo transforma esta postura do *estar junto* ou *estar com* o enlutado num grande imperativo pastoral: “*Alegrai-vos com os que se alegram e chorai com os que choram*” (Rm 12,15). É o princípio da empatia paulina e, nele, o princípio do compadecer-se, isto é, *padecer com* o enlutado. Não deixá-lo só. Fazer-se livre e gratuitamente um Cireneu (cf. Mt 27,32; Mc 15,21; Lc 23,26). Ceder o ombro para que o outro chore sua dor, seu luto, abraçá-lo, apertar-lhe a mão. Estamos progressivamente perdendo esta sensibilidade.

2.2.2 DEUS, O CONSOLADOR (TEOLÓGICO)

Quando Jerusalém, a viúva solitária e enlutada, lamenta: “*está longe de mim quem poderia consolar-me*” (Lm 1,16) o poeta (se) questiona: *Com que igualar-te assim que eu possa consolar-te (niham), ó virgem filha de Sião? Pois grande como o mar é tua destruição[fratura], quem poderá restaurar-te [curar-te]?* (Lm 2,13).¹⁸

Adianta comparar para consolar? Faz sentido comparações que levem ao consolo se quem pode restaurar está distante? A realidade de ruína, desolação e abandono sinaliza a morte do marido que torna Jerusalém viúva. Ora, quem é o marido da filha de Sião senão o próprio Deus? Esta viúva, no entanto, no íntimo sabe que seu marido, aparentemente morto, está apenas ausente ou escondido, isto é, na verdade está vivo. A queixa da viúva e a pergunta retórica do poeta apontam para o único que, de fato, pode reverter plenamente a sorte. De certa forma, a resposta ao drama apresentado no Livro das Lamentações vai ser dada pelo

17 Prática continuada pelos apóstolos (cf. At 9,36-42; 20,9-12).

18 Nesta culmina as ocorrências do verbo *consolar* (= *niham*) na obra: Lm 1,2.9.16.17.21; 2,13. Outra versão possível para 2,13: “*Quem te poderá salvar e consolar-te?*” ou “*que sentido teria comparar para consolar [quando só Deus pode restaurar]?*”

profeta Isaías, no mesmo contexto do exílio, no já mencionado Livro da Consolação. Ali Deus mesmo se auto-define de forma enfática: “*Eu, eu mesmo sou aquele que te consola (mānāḥēm)*” (Is 51,12).

Em seguida, o próprio Deus, usando uma comparação de rara beleza, promete ele próprio consolar: “*Como a um menino que a sua mãe consola (niḥam), assim eu vos consolarei (niḥam)*” (Is 66,13). Deus tem seu protagonismo insubstituível no processo.

Nesta perspectiva, ajuda a atitude de Ester que se dirige a Deus dizendo: “*Ouve minha oração... muda nosso luto em alegria*” (Est 4,17h, adição grega). Deus ouviu e o evento se tornou uma festa (Purim), cuja base é: “*a aflição deu lugar a alegria e o luto às festividades*” (Est 9,22). A alegria e o luto estão nas mãos de Deus, Senhor da vida e da morte (cf. 1Sm 2,6; Dt 32,39). Ele pode transformar nossas festas em luto (Am 8,10; cf. Lm 5,15), mas pode igualmente transformar o luto em dança (Sl 30,12a; Jr 31,13), o choro em alegria (Jo 16,20). Ele enxugará toda lágrima (Ap 21,4; cf. Is 25,8). Os que choram hão de rir (Lc 6,21b). Nele e com ele a dor da morte pode se reverter em esperança de vida. Não se trata de magia, mas de confiança naquele que governa a história e nos motiva a encarar na fé a noite escura.

2.2.3 O PRÓPRIO ENLUTADO (PESSOAL)

Chorar e lamentar na Bíblia encontram uma forte expressão nos Salmos de Lamento e, sobretudo, no Livro das Lamentações. O livro exprime o horror da morte, do luto, da ruína, da fome, da catástrofe causada pela invasão babilônica por volta de 587 a.C. Ao mesmo tempo, o livro apresenta um alto nível poético. Isso é de grande relevância para nosso tema, pois revela que a dor foi transformada em poesia. Significa que é preciso elaborar a perda, trabalhar o luto. É preciso assumir que as perdas também fazem parte da vida. Isso tem que fazer o enlutado e não se terceiriza nem se faz por procuração. Mas não se tem que fazer só. Um falecido tem que, num determinado momento, finalmente ser sepultado e não só fisicamente, também psicologicamente. O corpo não pode ficar entre nós, deve ser levado ao cemitério. Quem fica e sepulta deve fazer este processo também interiormente. Só assim a vida de quem fica pode continuar. É normal guardar a memória saudosa dos nossos queridos que partiram na nossa frente, mas de tal modo que a vida de quem fica não seja bloqueada.¹⁹ Uma vida diminuída ou deprimida, uma eterna tristeza, não é o que nossos falecidos nos desejam. Certamente é isso que nos mostra os seguintes exemplos: “*Isaac se consolou (nḥm nif.) da morte de sua mãe*” (Gn 24,67); “*Passaram-se muitos dias e a filha de Sué, a mulher de Judá, morreu. Quando Judá se consolou (nḥm nif.), subiu a Tamna, ele e Hira, seu amigo de Odolam, para a tosquia de suas ovelhas*” (Gn 38,12); “*O rei guardou luto (’ābal) por seu filho todos os dias... O rei Davi cessou de se enfurecer contra Absalão, porque já se consolara (nḥm nif.) da morte de Amnon*” (2Sm 13,37.39); “*Chora amargamente, bate no peito (mispēd), observa o luto (’ābal) segundo merece o morto... depois consola-te (nḥm) de tua tristeza*” (Sir 38,17); “*Desde que o morto repousa, deixe repousar a sua memória, consola-te (nḥm) quando seu espírito partir*” (Sir 38,23).

19 Obviamente que cada pessoa reage de forma diferente frente ao drama da morte e do luto. Certos casos requerem ajuda qualificada para superar a fase de luto.

Enfim, os três agentes são, cada um a seu modo, igualmente protagonistas de forma insubstituível e não terceirizável. Eles se pressupõem numa meta comum. O consolador humano, por exemplo, precisa saber que não atua sozinho e que o Consolador divino pode servir-se dele. Ao mesmo tempo, o consolo pode provir de iniciativas avulsas, mas como negar a sua dimensão comunitária? Iniciativas individuais e comunitárias precisam se excluir? Se a comunidade de fé não abraça o enlutado na sua dor há algo errado nela. Pois “*se um membro sofre, todos os membros compartilham o seu sofrimento...*” (I Cor 12,26a).

2.3 A “PASTORAL DO CONSOLO”

Após o caminho feito, toca a cada cristão e às Igrejas, portanto, a criatividade de encontrar uma forma, sobretudo em tempos difíceis quando os familiares muitas vezes não têm a possibilidade nem de ver seu ente querido uma última vez e nem de enterrá-lo, de ajudar os enlutados a chorar seus mortos. Eis a pastoral e a liturgia do consolo. Todavia, por “pastoral do consolo” não entendemos em primeiro plano uma atuação orgânica, formal, institucionalizada, burocrática. Referimo-nos antes de tudo a uma atitude, uma postura, uma opção eclesial dos cristãos e das Igrejas, que se fazem samaritanas.

CONCLUINDO

Os dias de luto cessarão (Is 60,20). A morte vai passar e a vida seguirá seu caminho. Então os que “*semearam entre lágrimas, cantando hão de ceifar*” (Sl 126,5). Não podemos encarar a vida como se ela fosse uma única estação. O outono abre o caminho que leva à primavera. Nas palavras do salmista: “*O choro pode durar uma noite, mas a alegria vem pela manhã*” (Sl 30,6).

Ó Deus... recolha nossas lágrimas em teu odre!

REFERÊNCIAS

- BAUMANN, A. *ābal* [afligir-se, luto]. In: BOTTERWECK, G. J.; RINGGREN, H. (Ed.). *Diccionario Teológico del Antiguo Testamento*. Madrid: Cristiandad, 1973, v. 1, 46-50.
- BOCCACCIO, P.; BERARDI, G. *Ecclesiasticus. Textus Hebraeus secundum Fragmenta Reperta*. Roma: Ed. PIB, 1986.
- HAMP, V. *Bākāh* [llorar]. In: BOTTERWECK, G. J.; RINGGREN, H. (Ed.). *Diccionario Teológico del Antiguo Testamento*. Madrid: Cristiandad, 1973, v. 1, 646-51.
- SCHARBERT, J. *Sāfad*. In: *Grande Lessico dell’Antico Testamento*. Brescia: Paideia, 2006, v. 6, 247-53.
- TORQUATO, R. P. “*O choro pode durar uma noite...!* (Sl 30,6). Temos o direito de chorar nossos mortos?” Publicado no Portal da FAJE em 28/07/2020. Disponível em: <<https://www.faculdadejesuita.edu.br/artigo/temos-o-direito-de-chorar-nossos-mortos--28072020-122351>>. Acesso em: 29/07/2020.
- VITÓRIO, J. “Jó e a experiência do sofrimento”, palestra de 26/10/2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bNBFDWmeY4Q&feature=youtu.be>>. Acesso em: 17/11/2020.